

O PONTO DE VISTA DE UM SUPERVISOR

Sérgio Paulo Annes*, Porto Alegre

Convidado pelo Secretário Científico da nossa Sociedade para tomar parte neste Simpósio, aceitei propondo trazer minha experiência como supervisor. Venho supervisionando candidatos, individual e coletivamente há muitos anos. Acho que nada vou dizer de novo, mas procurarei sublinhar o que julgo o mais importante.

A meu ver a primeira dificuldade que um candidato enfrenta, de início, é aprender a interpretar na transferência. E isso não se resolve com a mudança de atitude – já que antes interpretava extratransferencialmente – passando a achar que tudo o que fala o paciente se refere a ele, terapeuta, algumas vezes chegando a negar a realidade externa. A atitude compreensiva e tolerante do supervisor contribuirá para que o neófito vá utilizando esse novo instrumento, sem se sentir cobrado ou acochado pelo supervisor. Seu aproveitamento na Disciplina de Técnica auxilia-lo-á muito.

A segunda dificuldade é de ordem preponderantemente emocional e diz respeito à neutralidade. O candidato em supervisão, para procurar resolver essa dificuldade, conta com a imprescindível ajuda de sua própria análise na qual esses problemas contratransferenciais devem ser amplamente examinados.

A tentativa de resolução do problema da neutralidade compete à análise individual de cada um. Muitas vezes é oculto de seu próprio analista. Cumpre admitir que, infelizmente, pode acometer qualquer analista.

Penso que outra grande dificuldade, também de ordem emocional, se refere ao sigilo e, diga-se de passagem, também ocorre com analistas já formados. Ao supervisor compete ajudar o candidato a manter esse sigilo e ao seu analista tratar com ele esse problema.

O sigilo é o mínimo de respeito que o terapeuta, seja ele aprendiz ou supervisor, deve ao paciente.

No caso do candidato em início, que tem suas ansiedades persecutórias exacerbadas diante do “novo”, o impulso à inconfiabilidade pode aumentar. O supervisor, sem se parecer a um juiz ou a um advogado de acusação, deve manter o candidato alerta diante desses problemas de envolvimento com o paciente e sigilo, mostrando-lhe a oportunidade que tem para tratá-los em sua análise.

Não vamos negar, em nenhum momento, que é difícil, muito difícil mesmo, o manejo de situações que envolvem a neutralidade e o sigilo. O “conter” não se resume no ouvir com tranquilidade e sem julgar, mas não “transbordar” o que nos foi confiado seja lá para quem for: cônjuge, amigo íntimo, colega ou até em rodas sociais. As únicas exceções são seu analista e seu supervisor. Supervisão não se faz em corredores, bares ou encontros festivos. Se não formos capazes de guardar sigilo, sejamos ao menos, como o político mineiro que se negou a ouvir um segredo por se julgar incapaz de guardá-lo. Na minha opinião, nas supervisões coletivas, os casos devem vir “camuflados” o mais possível sem alterar o seu cerne,... e se alguém identificar, ou julgar ter identificado o paciente, deve guardar para si esse achado. No máximo, em particular, avisar o candidato que traz o caso, para que esse tome as providências cabíveis.

Nas supervisões em grupo, é notada uma maior ansiedade dos participantes que se traduz por um “ter que falar”, mesmo que não seja oportuno e, muitas vezes, para repetirem o que já foi dito há minutos atrás, querendo mostrar que entendem melhor o caso que o terapeuta em supervisão.

Algumas vezes temos que lembrar ao candidato que o assunto trazido deve ser levado ao seu terapeuta.

O candidato, após receber e “conter”, terá que entender e devolver, em uma forma inteligível e simples, o que lhe foi trazido em forma enigmática. Isso ele vai aprendendo gradativamente, com a ajuda dos seminários, leituras, supervisões e, sobretudo, com sua própria análise.

É fundamental que o supervisor não seja intrusivo na análise do candidato, com “interpretações selvagens”. Para ser interpretado ele tem o seu analista.

Sou de opinião que o supervisor, bem como o próprio analista, não deve ser diretivo. A idéia de criar “clones” nossos ou mesmo títeres é, a meu ver, mais adequado no terreno religioso ou político do que no tratamento analítico, que deve se ater a mostrar ao paciente seus aspectos em conflito, liberando-os deles para que seja livre, dono de si próprio, escolhendo, com responsabilidade, seu próprio caminho. Havia, no interior do Estado, um liderado por um coronel em sua cidadezinha, que não comia feijão e explicava que era porque fazia mal para o dito coronel. É um aspecto hilariante e ao mesmo tempo triste de relacionamento entre líderes e liderados.

Os aspectos formais de entrevistas para avaliação do paciente para supervisão, como o uso do divã, sessões a serem vistas, trazê-las escritas, contrato quanto a preço e número de horas, responsabilidades sobre horas marcadas, etc., etc., são temas já vistos nas aulas de técnica, e são assuntos que se poderiam chamar de menores, diante da importância dos anteriormente destacados. Outro aspecto a ser considerado é a pressa, muitas vezes notada no candidato, em “ser livre” da supervisão, quando é atingido o mínimo das 100 horas exigidas pelo regulamento.

O supervisor deve se pôr à disposição do candidato, para eventualmente rever o caso, mesmo após a supervisão haver terminado.

Deve ser considerada, também, a tendência do candidato, ao iniciar-se no exercício da análise, a fazer o que o Roberto Pinto Ribeiro chamava “passar uma rasteira em seus casos de psicoterapia, derrubando todos no divã”. Sendo agora um analista, sente-se “diminuído” em continuar simplesmente um psicoterapeuta. Isso faz parte da idealização da análise.

A necessidade de idealização pode nos levar a repetir atitudes infantis frente à análise, como muitos adultos têm frente a sua religião, seu partido político ou ao seu clube de futebol. A desidealização da análise é um processo que leva tempo nas análises individuais e, em algumas, jamais ocorre.

Após a reunião dos pequenos grupos, teremos oportunidades de esclarecer, se nos for possível, as dúvidas que surgirem.

Sérgio Paulo Annes

Rua Sinke, 233

90840-150 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA

* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)